



GT 77. Ritmos da Identidade: Música, Juventude e Identidade

Coordenador(es):

Carlos Benedito Rodrigues da Silva (UFMA - Universidade Federal do Maranhão)

João Batista de Jesus Felix (UFT - Fundação Universidade Federal do Tocantins)

Socialização e discussão de pesquisas concluídas ou em andamento, enfocando a música e ritmos como elementos de mobilização coletiva, e definição de linguagens e códigos de comunicação: enfoques sobre construção de performances e linguagens corporais entre grupos de juventude nas diversas regiões brasileiras ou mesmo em outros países, a partir das tendências rítmicas veiculadas pelos sistemas midiáticos. Estamos diante um fenômeno bastante interessante, pois, é cada vez maior as expressões artísticas, que eram assumidas como simplesmente formas de lazer, serem assumidas como formas de se expor posições políticas. A arte sempre foi vista como muito perigosa, principalmente pelos governos autoritários, mas ela era entendida como uma extensão, uma maneira a mais dos órgãos especializados em políticas (Partidos Políticos principalmente) tinham para demonstrar suas posições. Atualmente existem vários trabalhos acadêmicos que procuram demonstrar que a música, a dança, o cinema, o teatro, têm uma grande autonomia política. Nossa intenção, com instituição deste GT, é dar espaço para conhecermos pesquisas desenvolvidas em todo o território nacional ou estrangeiros, sobre formas de se construir identidades através da música, da dança e do lazer.

Música tamacheque e guerrilha digital: a internet funciona como ferramenta de mudança social?

Autoria: Renato de Lyra Lemos (UFPE - Universidade Federal de Pernambuco)

Em plena era da informação, as Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC?s), especialmente a internet, são vistas como ferramentas capazes de causar revoluções sociais. Diversas pesquisas nos últimos anos têm apresentando os impactos que os usos dessas ferramentas vêm causando, especialmente entre os jovens, possibilitando um maior acesso à informação, facilidade de comunicação, maiores oportunidades de inserção no mercado de work e proporcionando com que suas visões de mundo e as denúncias dos seus problemas sociais sejam transmitidas em maior escala. Assim, diversas organizações e governos têm vislumbrado um potencial transformador na internet de mudanças a nível social e econômico, especialmente no continente africano. Essas representações desse potencial da internet são conceituadas como ?messianismo tecnológico? pois essa caracterização da internet como uma ferramenta de mudança social se estende para além de sua capacidade que é a de gerar, armazenar e trocar dados. Além de quase metade da população global não ter nenhum tipo de acesso à internet, uma parcela significativa dos que possuem está sujeita a uma experiência mediada pelo colapso tecnológico e pelo reparo, ou seja, com o uso de tecnologias obsoletas, redes elétricas de energias instáveis e conexões de internet lentas e oscilantes. Assim, grupos socialmente excluídos acabam sendo postos ainda mais à margem, mesmo quando conseguem ter algum tipo de acesso à internet. Mesmo assim, grupos de jovens ao redor do globo têm construído formas de estruturarem os dispositivos tecnológicos de um modo que possibilitem uma maior inserção social, a visibilização de suas reivindicações sociais. É o caso das comunidades de jovens tamacheques na região do Sahel na África Ocidental. Após o sucesso internacional de alguns grupos de música tamacheque, com um significativo interesse da indústria fonográfica por grupos de rock com influência tamacheque, diversos jovens nascidos a partir dos anos 1980 têm visto cada vez mais na música uma maneira de ganharem a vida. Porém, devido à falta de um mercado local que possa sustentar a grande quantidade de artistas e grupos existentes, esses jovens acabam tendo de encontrar maneiras de utilizarem os recursos digitais que têm às



mãos para possibilitar que suas músicas sejam ouvidas além das fronteiras locais. Desse modo, essa pesquisa tem por intuito compreender os dispositivos de insurgência cultural tecidos pelas novas gerações de músicos tamacheques para conseguirem ser ouvidos através da utilização das tecnologias digitais às quais têm acesso. Para isso, utilizo-me da metodologia da etnografia digital, acompanhando a movimentação desses artistas através das redes sociais e os impactos desse fenômeno cultural na imprensa e em blogs de música.



Sobre a 32 RBA

Em 2020, a Reunião Brasileira de Antropologia vai ocorrer de modo remoto entre os dias 30 de outubro e 06 de novembro. O evento é realização da Associação Brasileira de Antropologia e da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), palco de muitas histórias de luta pela afirmação do caráter público e socialmente comprometido do conhecimento que produzimos. Estarão em discussão, na 32ª RBA, não apenas os diversos temas que constituem o verdadeiro tesouro investigativo que a antropologia brasileira forjou ao longo de várias décadas, mas também as graves questões colocadas pelo inquietante contexto social e político atual. Nele, vislumbram-se inúmeros desafios a direitos consagrados pela Constituição Brasileira e a valores éticos centrais à atuação das e dos antropólogos, especialmente o respeito às diferenças sociais, culturais e políticas, baseadas em etnia, raça, religião, classe, gênero, sexualidade, origem regional, nacionalidade, capacidades corporais etc. Hoje, mais que em qualquer outro momento histórico, os saberes antropológicos são veementemente instados a aprofundar a análise dos muitos problemas nacionais, entre os quais, a crescente desigualdade social, a real vulnerabilidade de grupos e populações e os elevados índices de violência no campo e nas cidades. Que a 32ª RBA possa trazer contribuição relevante ao país e à comunidade antropológica brasileira, em seu contínuo e árduo trabalho de refinar saberes insubmissos a todas as forças e poderes que ameacem a diversidade humana e naturalizem as desigualdades sociais.

Realização:



Apoio:



Organização: